

Adão e Eva: origens, diferença e alteridade

Juliana Côrte Vitória

O tema das origens diz respeito a cada um de nós e nos ocupa por muito tempo, o tempo de uma vida, ou, noutra perspectiva, estamos vivos enquanto nos ocupamos dele, assim nos mostram as culturas que não cessam de transmitir através de seus mitos a figurabilidade e simbologia desta questão. Encontramos com perguntas e inventamos possíveis caminhos que apontam direções de descobertas e hipóteses viáveis à criação de sentido e subjetividade. A sexualidade infantil, descoberta por Freud, enquanto curiosidade, irrompe tentando dar conta da questão de onde vêm os bebês. Um início de enigma sobre qual lugar ocupamos na cadeia geracional, pois, se viemos de outros que nos antecederam, as diferenças já começam a fazer o psiquismo trabalhar para encontrar um lugar de existência. Eu-não eu, a primeira diferença possível de ser experienciada, depois então entre os grandes e os pequenos, ou, numa linguagem mais moderna, entre os adultos e as crianças. Em seguida, difere-se entre homens e mulheres, conseqüentemente, entre meninos e meninas. Somente mais tarde é possível se defrontar com a diferença anatômica entre os sexos, e, dependendo dos caminhos defensivos utilizados, cada um de nós vai articular-se e se inserir no terreno da castração à sua maneira. E assim, pensando a partir de um modelo da psicanálise, apontamos que as diferenças seguem fazendo nosso psiquismo trabalhar enquanto estivermos vivos.

A escultura que ilustra a capa desta edição é criação do artista tcheco Krystof Hosek e está exposta desde 2019 em Praga, na República Tcheca. Traz uma interpretação autoral da história de Adão e Eva. Na obra de Krystof, os corpos de Adão e Eva estão formados na parte do tronco por livros e, ao nos aproximarmos dela, é possível ler do que alguns tratam: egoísmo, nacionalismo, dogmatismo, xeno-

fobia, extremismo, demagogia, fanatismo são alguns dos temas; posições que, quando levadas a cabo pelo nosso narcisismo das pequenas diferenças, assumem formas de ser que se revelam com efeitos no pensar e ser que destituem a alteridade de um lugar estrutural – e, portanto, necessário – para construções do novo a partir do encontro daquilo que supomos conhecer com o que desconhecemos. Esse encontro gerador, ou a impossibilidade de ele acontecer, não se dá através do aparente diferente nem tampouco com o outro de fora. Estamos nos referindo a um estado de acolhimento, ou recusa, à diferença como um estado gerador do novo e da alteridade. Da diferença sexual como metáfora da diferença, portanto. Do reconhecimento da diferença como motor do desejo de conhecimento, aqui não referido ao intelectual e racional nem tampouco ao conhecimento como produto, mas sobretudo como o que possibilita um processo. De se deixar picar pela serpente do desejo de saber, de topar a mortalidade para desfrutar dos prazeres das descobertas... Parafrazeando Ernildo Stein, distinto filósofo gaúcho, que tem entre tantos valorosos livros um que se chama *Pensar é Pensar a Diferença*, diríamos que também existir é existir na diferença, na alteridade – e não na oposição ou submissão – e topar o preço da renúncia à ilusória paz dos paraísos prometidos na tentativa de não nos depararmos com o desamparo de quem sabe que não sabe tudo de si, do outro nem do mundo.

Este número de nossa revista atemática mantém a marca cepiana de ser plural e democrático, abrindo o espaço a todos os colegas interessados em compartilhar seus pensares conosco. Desejamos a todos uma boa leitura e que conservemos entre nós aquecida a vontade de seguirmos curiosos, produzindo, compartilhando e podendo acolher o outro!